



Contos Da Montanha

Miguel Torga

Download now

Read Online ➔

Contos Da Montanha

Miguel Torga

Contos Da Montanha Miguel Torga

Composto por 23 contos, neste livro Miguel Torga apresenta aos seus leitores textos que assentam mais em descrições do comportamento humano, das suas emoções e dos seus sentimentos do que em descrições de aspectos paisagísticos da zona geográfica de que era originário o poeta. Citando alguns exemplos, em Maria Lionça, a personagem homónima personifica a ruralidade e a dignidade das mulheres transmontanas que, apesar de analfabetas, se impunham pelo respeito, pelos bons costumes e pela sua sabedoria popular empírica; em Bruxedo, a personagem Melra representa as superstições que, ao longo de muitas gerações, se foram enraizando na vida daquelas gentes, fazendo parte do seu dia-a-dia.

Mais um livro de belos contos escritos pelo poeta transmontano. Apesar de, tal como referia acima, estes contos terem uma forte componente humana, as descrições das serranias porque Torga era conhecido estão presentes e algumas bem marcantes até. Um livro onde as pessoas são os heróis e os sobreviventes da suas vidas de miséria, de fome e de sofrimento.

Contos Da Montanha Details

Date : Published 1955 by Pongetti (first published 1944)

ISBN :

Author : Miguel Torga

Format : Paperback 167 pages

Genre : European Literature, Portuguese Literature, Short Stories, Fiction, Cultural, Portugal

 [Download Contos Da Montanha ...pdf](#)

 [Read Online Contos Da Montanha ...pdf](#)

Download and Read Free Online Contos Da Montanha Miguel Torga

From Reader Review Contos Da Montanha for online ebook

Jim Fonseca says

Miguel Torga, a Portuguese author twice nominated for the Nobel Prize in Literature, gives fair warning that he is setting a grim table for us with these tales of rural Portugal of the early 1900's. In his preface he tells us we will meet the "dismally weathered sadness contained among these cliffs" and warns us of "so much dirt and misery." The area is the poor, rural Tras-os-Montes region of northern Portugal (literally "behind the mountains").

If you persist, you will encounter twenty-two short tales; an average of six pages each. In one tale, a man discovers he is a leper and is banished from his village; in another a thief robs a church and discovers the priest did his dirty work before him; a woman is killed by the work of a voodoo doll. In other stories a prostitute gets so little assistance from men that she comes to believe her children have no fathers; a young boy gets his first Christmas present along with the news of his father's death; an elderly gravedigger prepares his own grave with the thought "This is the end of my bad luck."

But there is a harsh beauty in these stories too: a lame shepherd wins fame by beating a wolf to death; a priest steps out of his role and delivers a baby; two men set out hunting knowing one will not return, but they set aside their differences.

Like the landscape they are set in, these are harsh, sparse stories. And, just as there is a beauty in that un-giving and unforgiving landscape, there is a simple, elemental beauty in these stories. Yet I'm still glad my grandmother left this region at about the time of the setting of these stories and came to the United States -- all by herself at age 16! What courage!

top photo from tourism-culture-society.blogspot.com

middle photo of Montesinho Village from portugalgreenwalks.com

photo of the author from leme.pt

Luís says

É-me difícil esconder a admiração pelo escritor. Torga é o exemplo emblemático do que devia, na minha opinião, ter sido o nosso Nobel da Literatura. Estes contos estão repletos de histórias e situações que espelham o humanismo do mundo rural (mais rico do que muitos urbanos julgam). O humor, e surpresa trágica são um estímulo para a leitura célere. Há mais crítica inteligente nestas personagens do que em muitos ensaios.

Lagartixo says

Comprei a sétima edição deste livro em 1994. Li na altura e ficou um dos meus livros favoritos. Mas nunca mais o li. Há umas semanas ao arrumar as estantes passo-lhe as mãos pela capa (e ao Novos Contos da Montanha, comprados na mesma altura) e resolvi reler apenas o primeiro conto. A mãe a transportar o cadáver do filho no comboio para ser enterrado na aldeia, e a disfarçar o levar de um morto sentado na carruagem ao seu lado, a perguntar-lhe "Dói? Pois dói... Dói..." foi uma chapada de tristeza e força que não sentia há 20 anos. Que pena estes contos e o seu autor terem sido esquecidos na nossa literatura...

Bartolomeu De Bensafrim says

crítica muito confusa e pobre, plena de nostalgias pessoais pouco interessantes. também contém alguma raiva e pessimismo - dirigidos às pobres almas geradas pelo incesto entre milénios. contém um palavrão. crítica tecida por quem, hoje, entre ler e viver, muito sentiu mas pouco dormiu. mas a terra dos sonhos abraça-me por detrás e beija-me a têmpora. ah, vida boa...

.

livro ligeiramente menos polido que o seu sucessor, mas igualmente precioso.

conto sim, conto não, vinham-me as lágrimas aos olhos - a modos da beleza íntinseca às histórias, por nostalgia a todas as riquezas culturais que perdemos, e por amarga tristeza diante da juventude que se arrasta pelas ruas com ecrãs implantados nos olhos. putos sem vida e sem fogo (salvo raríssimas e belas exceções), sem cultura e demasiado preguiçosos para a adquirir, sem a mínima possibilidade de sequer conseguir ler um conto destes até ao fim.

lembrava-me, enquanto lia, das palavras de Torga na contracapa do colossal Novos Contos da Montanha:

«Na tua ideia, o que escrevo, como por exemplo estas histórias, é para te regalar e, se possível for, comover. Mas quero que saibas que ousei partir desse regalo e dessa comoção para te responsabilizar na salvação da casa que, por arder, te deslumbra os sentidos.»

infelizmente, meu caro senhor, hoje em dia, muitos preferem ver o vídeo da casa a arder.

nasci em 1981 na Campina de Cima, em Loulé, e lembro-me de passear, de mão dada à mãe, pela cidade que crescia. os prédios em construção pareciam fabulosos, mas as hortas estivais e as noras árabes eram sonhos que ainda hoje me humedecem o recordar. a minha avó Bia a sorrir, ao sol, e aquela gente com mãos gigantes, ásperas, indestrutíveis, que carregavam nas cestas tesouros sem fim. amêndoas, ameixas, pêssegos, cheiros, figos, figos da índia, figos secos com amêndoa e canela, meloas e melancias, amoras e tantos outros tesouros. cada passeio revelava novidades inconcebíveis. havia pássaros por todo o lado. os insectos abafavam o som dos carros. sapos em qualquer poça de água, um camaleão em cada árvore. havia uns tascos escuros, embebidos num fedor afiado, donde saíam cantigas e vozes de outro mundo, e onde a minha mãe acelerava o passo.

mas o paraíso desabou rápido, como se os campos e os camponeses, subitamente, carregassem uma morrinha fatal que exigia distância. e o passado morreu. restam noras abandonadas e alguns baldios com árvores que resistem. um ou outro velhote curtido pelo sol. restam os ossos do passado.

julgo que o Alentejo e Trás-os-Montes sempre estiveram condenados a uma dureza especial - por motivos geográficos e, consequentemente, políticos.

a maior parte dos velhotes que sondei, em tabernas perdidas no Alentejo, não têm saudades dos tempos rurais. muitos trabalhavam de sol a sol simplesmente para não morrerem à fome. e os seus instintos cravaram uma cruz no passado e abraçaram incondicionalmente o conforto capitalista. mas por entre as suas histórias, muitas das vezes, entrevêem-se rasgos de uma poesia profunda que as suas células continuam a declamar. amores repletos de proezas arrojadas e fugas aos chumbos paternos. histórias de camaradagem, de bailes fervorosamente ansiados, de epopeias nocturnas e embriagadas, cisternas abaixo, para encher um vital cântaro de água.

Torga consegue algo mágico - retrata fielmente a dureza de Trás-os-Montes, sem artifícios, sem moralismos nem melodramas, mas também captura toda a intensa beleza daqueles tempos. No meio de tanta coisa que estava mal, naquele passado, havia muita coisa preciosa que hoje em dia já perdemos. e Torga faz um compêndio dos tesouros, com uma arte inigualável.

as pessoas convenceram-se, com uma facilidade assustadora, que o problema estava no passado telúrico - mas a Natureza é infinita na sua generosidade. os principais problemas residiam na Ditadura, no jugo putrefacto da Igreja Católica, no sistema feudal que imperou até Abril. isto é elementar, mas parece que a lobotomia capitalista eliminou estas noções. e as terras continuam nas mãos dos ricos, dos lobbies, dos mesmos de sempre, ou foram abandonadas.

neste momento, conto com os dedos de uma mão o número de pessoas capazes de ler um conto de Torga sem cair em fastídio. nós, bichos humanos, rendemo-nos ao fácil, ao cómodo, à perniciosa maldição de não conceder nem um milímetro àquilo que não gostamos - porque, supostamente, somos livres para escolher o que queremos. na verdade, neste momento, estamos bem fodidos e a única escolha possível consiste em salvar o planeta onde vivemos - o resto são ilusões. mas cada nova geração comporta menos capacidade cerebral que a anterior e o prognóstico é bem negro. Roma terá de cair novamente e muitos livros serão queimados. mas o ciclo negro terminará e tudo regressará mais belo que jamais. um dia haverá tempo e admiração, uma vez mais, para este livro fundamental.

Luís Miguel says

Visitar as origens de um povo duro. Nós

Bracari.iris says

IN PORTUGUESE

Além de ser um escritor contemporâneo de grande envergadura, Miguel Torga sempre me atraiu por excertos que fui lido nos livros de Português ao longo do meu percurso estudantil.

Finalmente me decidi por ler este livro, e ainda bem que o fiz.

Desde as habituais cachopas que prenhas ficam de um desvairo natural da Juventude a velhos embirrentos e amores escondidos de toda uma vida, estes contos da montanha retratam todo um modo de vida que me é muito próximo, sendo eu do Norte de Portugal, bastante perto de onde estes acontecimentos imaginários(mas que não deixam de retratar o real) se passaram.

Estes estilos de vida singulares, de tamanha dedicação à terra e aos seus frutos por vezes escassos e ingratos é o que, na minha opinião, define o povo português. Por muito que nos aventuremos lá fora, por muito que tentemos pertencer a qualquer outro pedaço de terra no Mundo, é às planícies do Alentejo que pertencemos, ou ao alto das Serras, ou à margem do Douro, ou aos campos de milho doirado pelo sol do Verão numa paisagem minhota.

jeremy says

miguel torga, portuguese novelist and poet, was born in 1907, yet it took over 80 years for any of his work to appear in english (he died in 1995). torga, a pseudonym for adolfo correia da rocha, was thrice nominated for the nobel prize for literature. his body of published work is quite substantial and is comprised of over fifty volumes, including novels, short stories, poetry and drama.

tales from the mountain was originally published in portugal in 1941 but was promptly censored by prime minister salazar. in the mid 1950's and early 60's, editions were smuggled into portugal following their publication in brazil. torga was finally able to self-publish the book in his home country in 1969, the year before salazar died. torga had also been earlier imprisoned without trial by salazar's secret police (and held in solitary confinement) upon publishing a volume of an autobiographical novel.

these stories, nearly two dozen in all, are brief, candid, "deceptively simple" tales of everyday life in northern portugal. torga's characters are exceptional in that they represent the normal man or woman faced with earthly concerns rather than the existential dramas that plague so many other literary creations. his stories are conveyed with humor, beauty, empathy and humanity, making them seem as relevant now as when they were first conceived.

from the preface:

as a poet and storyteller, i can only ease my anxiety through words. but not everything can be written. as well as the poem or the story that the typewriter prints, there remains in the artist's soul his condition as a human being. for this reason i make a promise here, which i hand on to you: i am certain that you, as a dweller of the fertile fields of the plains, will soon have understanding and pity for the hard fate of these, your fellow beings; that one day you will come to meet the dismally withered sadness contained amongst these cliffs, not as a reader of the picturesque and the exotic, but as a sensitive creature touched by the magic of art hearing the call of life's imperatives. i make this promise because i fell ashamed of so much dirt and misery and am embarrassed to represent the ungrateful role of chronicler of a world that is not even able to read me. i take this pledge in your name, by which i mean in the name of collective consciousness itself. as far as you are concerned, that which i write- these stories, for instance- has the purpose to entertain, possibly to affect you. but i want you to know that i dare stray from this entertainment and from this emotion to charge you with the responsibility for helping rescue the house that dazzles you, because it is burning.

Daniela Freitas says

Não gostei muito deste livro. Foi o primeiro de Torga que li e o que achei foi que a história, num todo, não tem grande conexão. São contos. Talvez seja suposto ser assim. Depois, considerei a leitura complicada;

talvez por ser da primeira metade do séc. XX, o português utilizado é muito vernacular: há palavras e expressões que me são desconhecidas. E por último, toda a vivência retratada não tem nada de actual, somente a quem tenha passado algum tempo no interior do país é que é capaz de se sentir familiarizado com tais histórias, ou então os já velhotes bem velhotes. Para mim (e para muitos) são realidades ultrapassadíssimas. No entanto, representa muito bem o pensar colectivo e individual da gente plebeia da altura e é um retrato fiel (e interessante) de como determinados eventos eram encarados e julgados nos seus quotidianos. É algo chocante e surpreendente. É engraçado mas mesmo assim considerarei-o aborrecido.

Pedro Pinto says

Livro de contos simples, mt bem escrito e representativo de uma época não mt distante (1 a 2 gerações).

Reconheço a qualidade, contudo não é o estilo de escrita que mais me cativa...conclusão a rever depois de ler um romance ou novela

Paula M. says

Histórias das humildes gentes que vivem para lá dos Montes reveladas com as palavras genuínas da terra.

Mariana Flores says

O meu avô é lavrador. Quando era miúda seguia-o para todo o lado, por vezes com o cão Bolinhas ou com um livro para ler à sombra de uma oliveira, outras vezes andando só atrás dele. Lembro que de uma dessas vezes resmunguei porque tinha as mãos sujas de terra.

“Sujas de terra?!?” Foi a primeira (e uma das raríssimas vezes) em que vi o meu avô magoado e ofendido. “Como pode a terra ser suja? A terra que dá a vida? A terra de onde se tira o sustento?”

As mãos do meu avô são assim grandes e rachadas, com décadas de terra entranhada que nunca irá sair, apesar de ele as esfregar todos os dias em álcool depois do trabalho. São também as mãos mais honestas, mais limpas que eu conheço.

É assim que eu vejo os Contos da Montanha do Miguel Torga, como que saídos das mãos do meu avô. Estes contos trazem consigo a essência do Portugal rural. Um orgulho na tradição, na humildade e justeza, nas histórias por contar daqueles cujos rostos nunca constam dos livros de História.

Numa mini-homenagem à ruralidade destes contos, e dando-me ao luxo de um pequeno prazer diário, fui lendo este livro, um conto por dia, quase todos os dias, sentada numa figueira, acompanhada do meu cão Vicente que faz o seu passeio junto da árvore.

O primeiro conto é A Maria Lionça. Este conto é Miguel Torga fazendo as honras, dizendo, não vos quero enganar, este é um livro para chorar do princípio ao fim. Em poucas páginas e palavras simples, Torga conta a história mais pungente de uma mãe que não só vê enterrar o seu filho, como o carrega para o leito de morte. A personagem Maria Lionça não é só uma mulher forte, sadia, corajosa, portuguesa. A Maria Lionça

é um aceno de cabeça a todas as mulheres. Uma versão regional da pietá, de Maria, da Mãe. Maria Lionça é a Terra.

Podia falar de todos os contos deste livro. Deixo-vos apenas com as duas últimas páginas de A Maria Lionça, acima, e uma pequena lista daqueles que me tocaram mais fundo. Com isto quero dizer, aqueles que me arrancaram lágrimas e povoaram a mente durante alguns dias. Falar sobre cada um era tirar-vos o prazer da sua leitura. O livro é baratinho e também se encontra nas bibliotecas: façam favor de ler.

O Cavaquinho

Um Filho

Maio Moço

Inimigas

Solidão

A Vindima

Cada um destes contos é uma história igual às vividas pelo nossos avós. É a minha bisavó, que dava um beijo no pão, se acontecia cair. É o meu avô materno, à lareira, contando histórias sobre dias em que só havia uma cabeça de sardinha para o jantar. É a minha avó materna dada a uma vizinha para cuidar, porque os pais já cuidavam de tantos filhos. É o meu avô paterno, a quem o pai morreu era ainda pequeno, e que foi trabalhar as terras para o irmão poder estudar. E mais tarde, namorando a minha avó com olhares em bailes de aldeia.

Felizmente ainda tenho este meu avô lavrador que me ofereceu o amor pela terra. Já não tenho o outro avô, o avô leitor, que me ofereceu o amor pelos livros. Sentado à lareira, dois metros de homem debruçados sobre um policial, devorando, devorando. Livros pela cozinha, livros pelos quartos, livros pela casa de banho.

E assim o prazer de abrir um livro e cheirar-lhe as páginas é comparável ao prazer de meter as mãos pela terra, de a sentir nos dedos, de ver a vida crescer nela. Pois precisamos tanto de sustento como de sonhos para ser felizes.

Sofia Maia says

"Contos da montanha" foi o primeiro livro que li de Miguel Torga. A curiosidade sobre esta colectânea surgiu após a referência por um professor durante uma aula, assegurando que era um livro obrigatório para todos os médicos. Fiquei intrigada com a afirmação e decidi então adquirir o livro.

Quando se lê em português há algo que nos sabe sempre bem: a sonoridade da escrita que traduz a típica língua portuguesa. As expressões são aquelas que ouvimos diariamente, e a construção das frases é semelhante ao que estamos habituados no nosso dia-a-dia.

Opinião toda aqui :

<http://bloguinhasparadise.blogspot.pt...>

Sonia Gomes says

Miguel Torga tells us all about rural Portugal with passion and humour. Stories that show you that rural Portugal is not devoid of love, hope, charity, passion, things that make up a human being.

The stories are small in length, but so full, which goes to show that only an excellent writer like Torga could encapsulate so much in so little!

In 'Maria Lionsa' we are shown the fortitude of a woman who lives life with great dignity and respect even after losing her husband and her only son, in whom she had placed all her hopes.

'Um Roubo'(A theft)tells the story of a wretched small time thief, who tries to rob a small chapel only to find it already robbed. As he is caught in a thunderstorm, contracts pneumonia. On his deathbed he accuses the priest of robbing the chapel. Is it true? We do not know!

In 'Amor' (Love), Lidia, so beautiful but so naive, gets everyone so inflamed that there is a murder of one of her suitors. She in her innocence, cannot believe why it all happened.

Firmo, in 'Homens de Vilarinho, just cannot live at home, needs to experience the world, comes home periodically, impregnates his wife and then leaves. Even the trap set by the priest does not help him to stay at home.

'O Cavaquinho', the story of a little boy whose family is so poor. Julio, waits for the much promised gift when his father goes to the local fair. Sadly he does get a little guitar, 'cavaquinho', but his father dies in a brawl that erupts in the market.

'Um filho'(The Son)a story filled with such love and hope, a father, a shepherd, who is so wonderfully happy when he gets a son. I feel that this story tells about the birth of Jesus Christ, in very poor surroundings.

'A Promessa'(The Promise) a vow to the Blessed Virgin that does not go as well as desired.

'Maio Mosso', an orphan who gets nothing but beatings and terrible treatment, until he kills a wolf who was taking a lamb from his herd. A really joyous transformation when everyone now thinks of him as a person and not just another mouth to feed.

'O Bruxedo', how does a witch attack a person, by piercing a doll with pins !

What happens when the local Don Juan, deflowers countless lovely, girls. Refuses to marry them. The brothers of a pretty girl emasculate him, that's 'A paga' (the payment) for you.

Two very good friends fight over the same boy. Enemies for life. Until one saves the other's tiny baby by feeding him, surreptitiously with her own milk.The description of the tiny baby guzzling milk, makes you laugh and cry at the same time.

Why does a man's best friend tell him that his wife is committing adultery. All that it does is enrage the husband who slices her open. On his return to village after being in jail for twenty years, cannot go on with his loneliness and commits suicide.'Solidao'

Yes, there are many more, every one of these very short stories so touching, so lovely, showing us different sides of a human being. Some good, some very bad but all very human all very touching.

Nuno Simões says

a estrela que escapa é, somente, por não ter gostado dos contos todos por igual. a generalidade deles é, contudo, excelente, muitos a roçar a perfeição.

Isabel says

"Mas o Leonardo queria lá saber! O tribunal, para ele, era como a igreja para as beatas. Tivesse razão ou não tivesse. Sentiam-lhe dinheiro no bolso, claro, venha a nós... Todos mais a mim, mais a mim. E o lorpa a cuidar que lhe davam tantos améns por causa dos seus belos predicados!"

